



Projeto Nacional de Qualificação Profissional - CUT Brasil

Programa Integração

Quem luta também
educa

Módulo 8 Sujeito, Natureza & Desenvolvimento

CADERNO DE ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

**QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL,
ENSINO FUNDAMENTAL E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL E
SOLIDÁRIO**

2001

*“Somente quando o homem real,
individual resume em si o cidadão abstrato,
e enquanto homem individual tiver se tornado
um ser genérico em sua vida empírica,
em seu trabalho individual e em suas relações individuais,
somente quando o homem tiver reconhecido e organizado
suas forças próprias como forças sociais,
de tal modo que a força social não mais se separe dele
na forma de força política,
somente então a emancipação humana estará completa.”*
(Karl Marx)

Caros companheiras e companheiros,

Mais do que tudo, a tarefa de nos educarmos é um ato político. Na medida em que a política, entre muitas coisas, consiste numa luta para fazer prevalecer determinados interesses, é necessário que nós trabalhadores agreguemos o máximo de forças possível na defesa dos nossos interesses. Não havendo na política espaços vazios, somente através de um conjunto articulado de ações poderemos ampliar o nosso poder de influência na esfera pública.

Ao iniciarmos mais esta jornada, estamos certos de que cada um de nós, em cada momento, em cada lugar, estará imbuido da determinação de bem executarmos nossa tarefa.

Lembrando que um dos objetivos da Secretaria Nacional de Formação da CUT, desde a implementação do Módulo I dos cursos no Programa Integração, foi socializar a proposta metodológica e aprofundá-la continuamente, na medida em que esta metodologia não é instituída, vai

sendo constituída no processo de ensino-aprendizagem, sendo fruto da participação de cada um, como indivíduo e como membro de um coletivo.

Uma metodologia que considera as diferentes subjetividades e suas características, mas que fundamenta-se naquilo que é a essência humana, o fato de sermos seres sociais constituídos a partir da nossa relação intencional com a natureza e com os outros humanos.

Entender essa função natural e eterna, que é o intercâmbio orgânico entre o homem e a natureza, é entender a própria vida dos homens. Através desse intercâmbio, ao qual damos o nome de trabalho, dá-se uma dupla transformação. O homem transforma a natureza e com o produto desse trabalho, as relações sociais. Sendo simultaneamente transformado pelo trabalho e por essas relações.

Entretanto, dizer que o trabalho é o próprio sentido inarredável da vida, não é o mesmo que dizer que é seu único sentido, o que seria um completo absurdo. Para que a vida seja repleta de sentido é preciso abrir espaço para o riso, a festa, a música, a poesia, a dança, a filosofia, a pintura, o beijo, o amor, a amizade, o momento de criação, o tempo da liberdade. A liberdade que advém não da ausência de determinações, mas do conhecimento de tais determinações, possibilitando aos homens dominá-las e dirigi-las para o fim ao qual pretendem. Só assim, o ser social poderá se humanizar e emancipar em seu sentido mais profundo.

Bom trabalho!

SUMÁRIO

Apresentação

Área Sujeito, Natureza & Desenvolvimento

Módulo 8 - Ensino Fundamental

Temas.....	1
Objetivos Gerais.....	1
Objetivos Específicos.....	2
Fichas.....	3
Abordagem I.....	4
Abordagem II.....	13
Abordagem III.....	16
Abordagem IV.....	22

ÁREA : SUJEITO, NATUREZA & DESENVOLVIMENTO

MÓDULO 8 - Ensino Fundamental

Temas:

- ◆ Sujeito, Natureza e Sociedade
- ◆ Trabalho
- ◆ Consciência e identidade
- ◆ Identidade, Identificação e Sociedade
- ◆ Exclusão social
- ◆ Indivíduo/sujeito/subjetividade
- ◆ Políticas Públicas

Objetivos gerais:

Desenvolver o processo ensino-aprendizagem com vistas a possibilitar a apreensão e a análise:

- Das diferentes visões sobre o sujeito, constituídas histórica e socialmente (no trabalho, na educação, na família, nos grupos sociais, etc.), nas suas dimensões e elaborações individual e coletiva;

- Das relações entre experiências históricas (tempo, espaço, relações) e o processo de construção da consciência, da alienação e da identidade (grupal e individual, social e política);
- Do trabalho como processo que realiza historicamente as relações entre o sujeito (construção social), a natureza (transformação) e os produtos das atividades sociais;
- Das relações entre sujeito e desenvolvimento social considerando o processo histórico de mediação entre os homens e a natureza – fundado no trabalho – e suas contradições expressas no desenvolvimento pautado pela lógica do capital;

Objetivos específicos:

Construir coletivamente com os educandos:

1. As perspectivas e os instrumentos que permitam analisar realidades (amplas e globais, pessoais e grupais) como objetivos de estudo criticamente construídos;
2. entendimento das diversas concepções e visões de sujeito elaboradas historicamente: no processo de trabalho, nas relações econômicas, políticas e sociais, e suas dimensões individual (objetiva e subjetiva), grupal e coletiva;
3. Exploração de expressões culturais regionais e universais como literatura, em sua historicidade e expressividade universal;
4. Análise do processo de descoberta e produção dos conhecimentos científicos, relacionando saberes e práticas (relação ciência e tecnologia);

5. A apropriação das diferentes possibilidades explicativas da realidade, incluindo-se os mitos, e os desdobramentos dessas bases explicativas nas práticas sociais cotidianas;

Fichas propostas para o módulo 8:

Ficha 1: *Imagens e Gramsci*

Ficha 2: *A descoberta da febre puerperal por Semmelweis*, Cipriano Carlos Kuckesi e Elizete Silva Passos

Ficha 3: *Mé*, Luiz Fernando Veríssimo

Ficha 4: *Poeira das estrelas*, Marcelo Gleiser

Ficha 5: *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto

Ficha 6: *Um Homem também chora* (Guerreiro menino), Gonzaguinha

Ficha 7: *A Revolução dos Bichos*, George Orwell

Ficha 8: *Brasil*, Marilena Chauí

Ficha 9: *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley

ABORDAGEM I:

Visa desenvolver a abordagem dos seguintes temas:

- Sujeito, Natureza e Sociedade; Trabalho; Consciência e identidade; Identidade, Identificação e Sociedade; Indivíduo/sujeito/subjetividade; Políticas Públicas; Exclusão Social.

Material Utilizado:

Ficha 5: *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto

Ficha 8: *Brasil*, Marilena Chauí

Subsídio para o Educador:

Chauí, Marilena. *Conformismo e Resistência*. São Paulo: Brasiliense. 5º ed. 1993.

Hobsbawm, Eric J. *A Origem da Revolução Industrial*. In: *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Editora Florense-Universitária. 1986.

_____ *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra SA.

_____ *O Sentido do Passado*. In: *Sobre História*. São Paulo: Editora Schwarcz. 2000.

Verás, M.P.B. *Uma Questão Brasileira de 500 anos: Exclusão Social*. In: *Margem* nº 10. São Paulo: Educ. 1999.

Desenvolvimento I:

1º Momento:

Apresentar para os educandos o conjunto das fichas, incentivando-os para que falem quais as primeiras impressões a respeito das mesmas, sem nenhuma preocupação em estabelecer categorias rígidas, mas sim, para que cada diga qual é sua primeira impressão. A seguir é importante propor que observem, mais detalhadamente, o conjunto das fichas e realizem uma classificação delas. Lembrando que classificar é uma forma de organizar dados ou informações e para tal é necessário que o grupo eleja alguns critérios e classifiquem as fichas de acordo com tais critérios.

Para que se possa fazer uma posterior avaliação da evolução do processo de ensino-aprendizagem é importante registrar essa primeira atividade. Ao término do módulo, a mesma atividade poderá ser proposta a fim de verificar a ampliação do repertório do grupo.

Cada educador deve procurar a melhor forma de registrar e guardar os dados levantados para a posterior comparação.

2º Momento

O poema "*Morte E Vida Severina*", de João Cabral de Melo Neto, poderá ser utilizado para introduzir a discussão sobre a história de vida de cada um dos educandos e educadores, buscando o que há de comum e o que é particular. Com exceção daqueles que são descendentes das populações que já se encontravam aqui desde tempos imemoriais, a maioria dos brasileiros descende de populações que fizeram imensos deslocamentos, atravessando mares, vindos de outros continentes.

A história de Severino é um pouco a história de todos nós. Por representar um pouco da vida de cada um, é possível, através do poema, trabalhar os

diversos temas permanentes: trabalho, sociedade/organização social, cidadania, cultura; desenvolvimento sustentável, transformações do mundo do trabalho, políticas públicas (educação, saúde, poder local, etc.), cultura, etc.

O objetivo é compreender quais as determinações que provocaram, e ainda provocam, os deslocamentos de indivíduos, famílias e populações, buscando compreender não apenas a História, no seu sentido mais amplo, como também a maneira como cada uma foi inserido nesta corrente.

Populações nativas foram dizimadas, um imenso contingente de africanos foi forçado a vir trabalhar em regime de escravidão no Brasil, europeus e asiáticos que não tinham acesso à terra ou a qualquer outro meio de produção, ameaçados pela fome tiveram que emigrar, judeus perseguidos, também.

Haverá algo de comum em todas estas histórias?

O que faz com que as populações mudem de lugar? Por que? E para quê?

Estes movimentos são voluntários?

Voltemos à história de Severino para ver se ela nos ajuda a entender melhor.

Quem emigra são os Severinos, não os coronéis Zacarias, e isso obviamente vale para qualquer população que é obrigada a deixar a sua terra, saem os destituídos dos seus meios de vida, saem por não serem mais necessários para produzir riquezas naquele lugar ou por serem necessários em outro lugar.

No sertão do Nordeste, cenário da saga de Severino, a água é meio de produção, e se os poços artesianos, os açudes e a irrigação privilegiam uns poucos, aos Severinos, ainda que tenham a terra, cabe buscar outro canto para trabalhar. (saga: história de luta e de bravura)

A narrativa é de vida e de morte; tipo de vida e de morte que possui um nome; nome que identifica todos que assim vivem e morrem. História de muitas histórias, variações de um mesmo tema.

Da Europa e da Ásia vieram os que foram impedidos de ter acesso à terra, à pesca, ou a qualquer outra meio de produção. Da África os que tiveram roubada a própria liberdade.

Mas em cada caso, em todos os casos, um pouco ou muito de tudo isso foi perdido.

Seria interessante, começando pelo próprio título do poema: *Morte e Vida Severina*, ir refazendo o trajeto de Severino.

Por que morte e vida e não vida e morte? Como “Severina”, um nome próprio, transforma-se em “severina”, nome comum abstrato?

O educador poderá observar que o adjetivo “severina” é que vai articular os dois termos, morte e vida, qualificando o intervalo entre nascimento e morte. O que conta para Severino é ir escapando da morte e não o viver.

É importante salientar que ao estudarmos a história de Severino o que nos interessa, principalmente, é verificar o que nela há de universal, em quantos lugares, do Brasil e do mundo, vive-se vidas “severinas”. Certamente não apenas no Nordeste brasileiro, mas também em cidades como São Paulo, ou mesmo nos subúrbios de países ricos.

Aos que tudo o mais foi retirado, resta somente transformar a vida em meio de vida, meia vida, meio morte meio vida.

Como o trabalho aparece na trajetória do poema? A que será devida a “*velhice antes dos trinta*”? Às longas e mal pagas jornadas de sol-a-sol? Ao alimento que é pouco e ralo? Severino fala: “*o sangue que usamos tem pouca tinta.*” o que terá pretendido dizer com “*pouca tinta*”? Terá alguma relação com a quantidade, variedade e qualidade dos alimentos?

Aqui poderíamos fazer uma discussão sobre os elementos que compõem o sangue, e o que quer dizer ter um sangue com pouca tinta. Como os educando entendem essa frase? O que cada um sabe a respeito da composição do sangue?

Qual o tipo de sangue de cada um? Quantos sabem? Em que situação ficaram sabendo?

Vale aqui ressaltar que o aumento ou a diminuição desses elementos provoca um desequilíbrio que pode ocasionar determinadas doenças. Como por exemplo:

Anemia: Que é a diminuição da taxa de hemoglobina, responsável pelo transporte do oxigênio para as células. Como o transporte de oxigênio torna-se mais difícil a pessoa anêmica sente mal-estar, cansaço, tonturas. Em muitos casos, quando a anemia é decorrente de má alimentação, ela pode ser tratada com uma dieta, nem sempre possível, rica em proteínas, ferro e vitamina B₁₂, presentes em carnes, beterraba, couve e espinafre. Caso esses alimentos não sejam acessíveis como substituí-los?

3º Momento:

Propor aos grupo que construa sua própria história, primeiro enquanto grupo e, depois, individualmente. Esse exercício poderá servir para que os educandos (veteranos e novatos) se integrem, é também um momento para que todos possamos olhar para nossas trajetórias de vida. Quais foram as condições de sobrevivência (determinações: miséria, abandono à sorte)? Como a morte aparece? Cabe propor uma reflexão a respeito dos determinantes históricos que limitam nossas vidas, caso Severino tivesse nascido em outro tempo e espaço, sua vida seria diferente?

Severino percebe as determinações histórico/econômicas que estão igualando os “severinos”? Percebe que os que passam fome e por isso não têm o

pleno desenvolvimento físico, são vítimas da falta de Políticas Públicas (Saúde, Educação, etc.)? Saberá que os seus iguais são vítimas de doenças como a esquistossomose que incha a barriga e drena o vigor: "*no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas*"?

A partir da exposição dialogada, levar os educandos a perceberem o quanto somos produtos da sociedade na qual vivemos: falamos a mesma língua dos nossos pais; freqüentemente temos a mesma religião; temos hábitos alimentares aprendidos com a nossa comunidade, que por sua vez dependem dos alimentos disponíveis em cada região; nos vestimos de acordo com os hábitos do lugar, que por sua vez também dependem dos mesmo determinantes; enfim, somos frutos da história, da sociedade, da família, da comunidade e do lugar.

A partir da construção da trajetória de vida comum ao grupo e de cada um individualmente é possível perceber se as migrações e imigrações foram motivadas por razões econômicas ou não. Aqui é importante aprofundar a discussão procurando identificar os verdadeiros motivos das migrações. Qual a relação entre a "*vida severina*" que aparece no poema e a vida do grupo e da maioria dos brasileiros? Os dados e critérios podem ser registrados pelo educador, que pode sistematizá-los num painel, entendido como documento de identificação dos indivíduos e do grupo.

Com os mapas do Brasil e do mundo refazer os traçados dos movimentos migratórios dos próprios educandos ou de seus ascendentes.

Cabe ressaltar que se por um lado as determinações históricas limitam as nossas ações, por outro lado, como seres históricos que somos, atuamos na realidade transformando-a. Assim, não estamos naturalmente destinados a uma *vida severina*.

4º Momento

O texto e a linguagem de “*Morte e Vida Severina*”, assim como o tom da narrativa, possui caráter auto-biográfico e indica vários critérios de composição do sujeito individual e coletivo.

Os nomes do personagem e da sua família, a história e a localização geográfica do lugar de onde vem, não são suficientes para individualizar este Severino que nos fala, os seus caracteres não são particulares o seu nome não é próprio, é de muitos, sua história também.

Diferentemente, do poema de João Cabral de Melo Neto, no poema *Soneto da Fidelidade*, de Vinícius de Moraes, não há esse movimento do individual para o universal e vice-versa. No poema de Vinícius predominam o subjetivismo e o individualismo, o **eu** e o **meu** referem-se apenas ao sujeito que fala.

Soneto da Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal selo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
Em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure

Quem sabe a morte, angústia de quem vive

Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):

Que não seja imortal, posto que é chama

Mais que seja infinito enquanto dure.

Vinicius de Moraes

Uma atividade interessante seria propor aos educandos uma comparação entre os dois poemas, para que possam exercitar a análise crítica de diferentes produções literárias. É importante ressaltar que as atividades de comparação podem variar de complexidade. A comparação está ligada à capacidade de cada um para observar diferenças decisivas e para generalizá-las quando reconhecer semelhanças. É uma atividade importante no processo de ensino aprendizagem, assim é fundamental que os educandos compartilhem suas comparações e ampliem a lista de possibilidades.

Desenvolvimento II

Iniciar a abordagem da **ficha 8** a partir da análise de símbolos nacionais: a bandeira e o hino, por exemplo. O primeiro passo é trabalhar com o conceito de símbolo, entendendo como o símbolo torna presente características essenciais do que é representado. Depois de explorados os símbolos em seus aspectos formais e de conteúdo específico (o que é e como é a bandeira, o que ela representa; o mesmo para o hino), o educador pode fornecer dados sobre o momento histórico em que esses símbolos foram elaborados, e quais os sentidos que eles podem ter assumido naquele momento. Com o símbolo pretende-se representar valores universais, mas que na realidade são valores datados e têm

funções ideológicas. Por exemplo, é interessante saber que a bandeira do Brasil é a bandeira da República, regime político que foi estabelecido através de um golpe militar. O que é contrário ao próprio sentido de República (coisa pública), na medida em que República é, por definição, a integração de todos os cidadãos de um Estado.

Depois desse primeiro exercício, passamos à exploração do texto. É importante apresentar a autora e seu objetivo: é uma filósofa que quer analisar, mostrar as funções ideológicas de uma mitologia fundada no verdeamarelismo, numa espécie de “culto à brasilidade”, um culto a uma “entidade”, uma nação sem povo, uma idealização que justifica dominações e exclusões. Para iniciar, é importante levantar com os educandos as palavras e os conceitos desconhecidos, recorrer aos dicionários da Língua Portuguesa disponíveis, e outros apoios como dicionários de Política. Discutir o sentido das palavras-chaves é o “gancho” para analisar as idéias da autora sobre a ideologia, a mitologia verde-amarela. Outra estratégia interessante é pedir aos alunos que definam a identidade brasileira, e comparar essas definições com o conteúdo da ideologia verde-amarela e com os elementos já discutidos sobre identidade individual e coletiva nas fichas anteriores.

Abordagem II:

Visa desenvolver a abordagem dos seguintes temas:

- Sujeito, Natureza e Sociedade; Consciência e identidade; Políticas Públicas.

Material utilizado:

Ficha 3 – Mé. Luiz Fernando Veríssimo

Ficha 6 – Um Homem Também Chora. Gonzaguinha

Ficha 7 - Revolução dos Bichos

Desenvolvimento I

Na **ficha 6** a abordagem pode iniciar-se com uma discussão inicial sobre as idéias principais do texto (letra): que atitudes humanas são apontadas, qual sua importância para os educandos (avaliação pessoal e inicial sobre as mensagens). Identificar e enunciar (em grupos) os significados das palavras-chave do texto (precisar, necessitar, ser, sonho, felicidade, vida, trabalho) por meio de questões: quais as necessidades humanas? O que pode ocorrer se elas não forem atendidas? Quais os desejos humanos ? A letra da música indica que a busca humana da felicidade passa pelo trabalho e pela honra, elementos que configuram uma concepção integral de homem, como sujeito individual (material e sentimental) e social (membro de um grupo identitário). Esta questão da identidade, das necessidades humanas e do trabalho como atividade transformadora da natureza e formadora do homem integral pode continuar a ser discutida na **Ficha 7: A Revolução dos Bichos**, George Orwell na qual o texto selecionado valoriza ou indica os mesmos aspectos, mas a realidade narrada estrutura-se sobre a negação de todos eles. Uma comparação entre as visões

pode ser muito interessante, e pode ser aprofundada e ampliada com a participação direta dos educandos trazendo suas experiências pessoais e outras vivências e representações (imagens e mídia, outras canções, relatos e memórias, saberes e ditos populares relacionados ao trabalho, à vida e à honra)

Relação entre trabalho e satisfação de necessidades (individuais, de grupos)

Relação entre trabalho e realização pessoal (aspectos objetivos e subjetivos)

Aqui é importante discutir com os educandos qual é o entendimento deles a respeito das: necessidades e desejos humanos. Quais seriam as nossas verdadeiras necessidades, primeiro pensando na dimensão biológica resgatando a discussão que a ficha Morte e Vida Severina suscitou. Como por exemplo: ingestão de calorias. Que outras necessidades primárias temos? Ao nascer, o tempo de dependência, dos humanos é maior que dos animais, se não houver ninguém que possa suprir suas necessidades básicas, morrerá.

Refletir a respeito das nossas atividades cotidianas a fim de verificar quais destas atividades estão ligadas à preservação da própria vida ou da espécie, e qual o tempo dedicado a outras atividades: música, dança, leitura, esporte e outras ligadas ao prazer e satisfação pessoais e não a obrigação.

Quando o trabalho pode ser prazeroso?

A partir das discussões promover uma debate a respeito de como o tema trabalho aparece na música e no cotidiano através dos ditados populares. Pode-se construir um quadro com os ditados mais conhecidos, por exemplo:

“sem o seu trabalho o homem não tem honra”

“O trabalho enobrece o homem”

“Deus ajuda quem cedo madruga”

“Quem muito trabalha não tem tempo de ganhar dinheiro”

“O pobre na graxa o rico no caixa”

Tendo como referência estes ditados, alguns reforçando a aceitação da exploração e dominação, outros questionando-as, seria interessante verificar que outros ditados, sobre o tema trabalho, o grupo conhece e em qual das duas categorias se encaixariam.

Desenvolvimento II

O texto de Veríssimo, **ficha 3**, foi escrito a propósito do Fórum Social Mundial ocorrido em Porto Alegre, em Janeiro de 2001. O encontro ocorreu simultaneamente ao Fórum Econômico Mundial que acontece todos os anos em Davos na Suíça.

Enquanto o encontro de Davos reúne os interessados em manter e ampliar o modo capitalista de produção e acumulação de riquezas, o Fórum de Porto Alegre busca quebrar a hegemonia do discurso capitalista e de sua forma contemporânea, neoliberalismo.

O encontro de Porto Alegre reuniu opositores de vários matizes, desde os que acreditam ser possível reformar o capitalismo e torná-lo "mais humano", através da "sensibilização das elites", até os que não vêem solução dentro do atual sistema. Ainda que o encontro tenha sido demasiado eclético, serviu para abalar o discurso que se pretende hegemônico.

Com base nestas informações sugerir que os educandos leiam a **ficha 3**, e interpretem o conteúdo da crônica de Veríssimo, pois interpretar é descobrir o sentido. Quando interpretamos reconhecemos o sentido, exprimimos um pensamento, temos a intenção de dar uma explicação.

Abordagem III

Visa desenvolver a abordagem dos seguintes temas:

➤ Produção de conhecimento e alienação; Sujeito, Natureza e Sociedade.

Material Utilizado:

Ficha 2: *A descoberta da febre puerperal por Semmelweis*, Cipriano Carlos

Ficha 4: *Poeira das estrelas*, Marcelo Gleiser

Ficha 9: *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley

Subsídio Para o Educador:

Mendonça, Eliane. *A Raiz Histórica da Doença no Brasil*. Mimeo.

_____. *Século XVII: O Século das Luzes*. Mimeo.

Morin, E e Kern, A. *A Carta de Identidade Terrena*. In: Margem nº 3. São Paulo: Educ.1994.

Desenvolvimento I:

Na **ficha 9**, “Admirável Mundo Novo”, a exploração do texto deve passar pelo levantamento de dados sobre o autor e sobre a obra: contexto de produção, gênero e aspectos formais, etc. É significativa também a análise literária: personagens do romance: quais, características, atividades, localização dos fatos representados e sua seqüência, descrição dos locais visitados, objetivos da visita. Para apreender a crítica do autor, é importante observar o narrador e as informações que ele dá sobre onde estão as personagens e o que está ocorrendo. Significado das palavras: incubação, condicionamento, comunidade, identidade e estabilidade.

Identificação e descrição do primeiro processo indicado: fecundação.

Identificar e caracterizar os Alfas, Betas, Gamas, Deltas e Ípsilons (letras gregas).

Descrever o Processo Bokanovsky e seus objetivos (reprodução controlada, não vivípara, multiplicação cientificamente controlada de características genéticas, produção de tipos sociais com características determinadas).

Relacionar o Processo Bokanovsky à “estabilidade social”.

Quem determina o processo e o controla?

O excerto da obra (do primeiro capítulo) é muito rico para a discussão de várias questões da área (temas):

- a) identidade e consciência: ao contrário do poema “*Morte e Vida Severina*” – que afirma a singularidade dos indivíduos unidos por um destino comum do qual podem tornar-se conscientes – este descreve um processo de reprodução não natural que gera seres em série, indivíduos idênticos nas características genéticas, que constituem grupos identificados também em relação ao condicionamento correspondente a cada conjunto (ou subgrupo) e o trabalho. Mas a trajetória do grupo não realiza a consciência individual e de classe, pré determinada pelo condicionamento psicológico, que é determinante do condicionamento grupal e social. Nesse sentido, depois de estudados pelos educandos, os textos prestam-se à comparação, e o educador deve procurar evidenciar no processo essas diferenças: enquanto em “*Morte e Vida Severina*” a trajetória comum faz nascer a consciência da saga coletiva e da identidade, em “*Admirável Mundo Novo*” a geração e o condicionamento produzem seres destituídos de humanidade.
- b) Identidade e consciência, ciência e tecnologia: o texto permite, pela antecipação visionária de um futuro imaginado, um amplo questionamento da relação entre ciência, consciência, tecnologia e humanização. Até que ponto a técnica e a ciência podem ser elementos de libertação do homem ou baluartes da escravização. Estudar o texto como retrato de um futuro

plausível – indicando as conquistas da ciência no século XX que permitiram a inseminação artificial e a clonagem – é uma boa entrada para a discussão da questão da identidade e da consciência humanas, assim como de outros temas como liberdade e alienação, condicionamento e manipulação.

- c) Consciência e educação: o texto narra a visita de estudantes a um centro de reprodução humana. O episódio evidencia a preparação de estudantes que deverão dar continuidade a um processo visto como vantajoso e bom para a sociedade. Questionar com os educandos esse sistema educativo e seus valores fundantes. A forma como os estudantes se relacionam com o conhecimento e com os detentores (o diretor, por exemplo) dos instrumentos de dominação (que neste caso são o conhecimento científico e os seus meios de reprodução técnica) mostra como o sistema educacional pode servir à dominação através reprodução de valores que favorecem alguns e escraviza muitos. Seria interessante solicitar aos alunos trabalhadores que dessem continuidade ao relato, construindo seqüências de episódios que tratassem dos possíveis desdobramentos da história (ficção?) tanto para indicar meios de libertação como de manutenção e reprodução do sistema, pensando no papel social e político da educação.
- d) Globalização: chamar a atenção dos educandos para o fato de a história narrada desenvolver-se num mundo globalizado, unificado pela dominação que se inicia no controle da reprodução humana. Comparar com as tendências contemporâneas de formação de centros mundiais de decisão, centros econômicos e de grande desenvolvimento tecnológico.
- e) Ideologia: evidenciar o papel da ideologia no processo de dominação e de reprodução da alienação. Seria interessante observar os argumentos do

diretor do centro de reprodução (sua natureza e a força de convencimento baseados em valores “universais”, como “bem comum”, “felicidade”, etc.).

Desenvolvimento II

“Quantas idas e voltas tive eu que fazer, ao longo de quantas paredes tateei na escuridão de minha ignorância, até encontrar a porta que se abre para a luz da verdade”
(Johannes Kepler)

A **Ficha 2** é sobre uma descoberta da ciência médica: as causas da febre puerperal. Retomar os passos da produção do conhecimento (problema ou questão objetiva, observação, formulação de hipóteses, experimentação, conclusões e formulação de teorias, orientação de procedimentos técnicos).

Esse texto coroa a discussão iniciada no bloco inicial sobre as funções que as ciências (inclusive as biológicas) podem assumir nas sociedades, na história (variando no tempo e no espaço). Relacionar também saberes e trabalho: o conhecimento como atividade e como fruto sistematizado (um saber aplicável, que implica técnicas e tecnologias) dessa atividade.

Outro aspecto importante a ser explorado a partir da ficha é a questão das epidemias: os educadores podem promover discussões sobre as doenças em geral e as transmissíveis em particular e relacioná-las aos problemas de saúde pública (políticas, vacinação, prevenção), às questões regionais (desde as estruturais, como falhas no sistema de tratamento e abastecimento, até as culturais, como práticas que reproduzem os focos). Uma idéia para ampliar a questão histórica e trazê-la para o Brasil é tratar da febre amarela e da atuação do cientista Osvaldo Cruz na Revolta da Vacina no Rio de Janeiro.

A ciência é um dos recursos mais produtivos para o homem explorar, aproveitar, e tentar compreender seu meio ambiente. Desde quando o homem voltou sua atenção pela primeira vez para as transformações químicas? Certamente ao observar o fogo, resultado de algum acontecimento fortuito. Deve ter sido muito surpreendente constatar que sob sua ação as madeiras sólidas se transformavam em cinzas quebradiças, e as rochas do solo chagavam a fundir, tomando a aparência de vidro ao resfriar. Rapidamente, o homem primitivo percebeu que podia tirar partido da luz e do calor da queima da lenha: mais conforto em casa, na realidade uma caverna. O fogo afastou o medo da escuridão da noite (hoje com os apagões esse medo está de volta), permitindo que o homem pudesse notar qualquer animal que se aproximasse na tentativa de atacá-lo. Com o fogo, também foi possível afugentar as feras que disputavam o espaço com ele. O calor permitiu cuidar melhor da prole e assegurar o seu crescimento. Graças a ele, o homem pôde habitar os lugares frios.

A alimentação também mudou com a utilização do fogo. As carnes, churrasqueadas em um braseiro, melhoravam de consistência e sabor e podiam ser conservadas por mais tempo. O cozimento mata as bactérias responsáveis por doenças, e, devido a essa ação saneadora, o índice de mortalidade provavelmente deve ter diminuído. Todas essas melhorias, decorrentes das transformações químicas, isto, é, das alterações da estrutura da matéria provocadas pelo calor.

Seria importante estudar as doenças mais comuns da região, quais são infecto-contagiosas, quais são endêmicas, há alguma epidemia na região do núcleo? As pessoas podem fazer algo para evitá-las? O quê? Os governantes atuam para evitá-las ou erradicá-las?

Desenvolvimento III

A exploração da **ficha 4** Poeira das Estrelas, pode iniciar-se com a observação do céu em uma noite estrelada, ou através de imagens (foto, representação esquemática). Aproveitar descrições de experiências dos educandos de cenas cotidianas de observação do céu (previsão do tempo, contemplação laica e religiosa, imaginação poética, etc.).

O segundo passo é a leitura coletiva do texto. Para a abordagem histórica, é interessante comparar o tempo cósmico ao tempo histórico: isso pode ser feito pelo educador, depois da leitura coletiva do texto, que deverá apresentar os dados sobre as teorias da origem e história do universo (teoria do Big Bang, explicações religiosas tratadas pelo próprio autor na obra “A dança do universo”), e aquelas sobre a origem da humanidade (teoria da evolução de Darwin). No texto, é fundamental situar o autor, tipo de texto e onde foi publicado, e as idéias principais: Imagem: importância da visão (ver para confirmar certezas, como o que vemos pode indicar algo que já não existe (a luz de estrelas já apagadas) , como existem coisas além das que podemos ver (micróbios); Olhar da ciência e do cientista, olhar do saber e do homem (outras culturas, culturas antigas e o sentido da observação); Olhar e distância do que é observado (percepção da participação); Transformação e modo de ser do Universo e da natureza; Ciclos naturais e vitais: nascimento, vida e morte; Movimento e explosão: identidade entre Universo e o homem; Preservação e interdependência; o aleatório na essência universal; Materiais do Universo e Identidade.

Para finalizar a discussão, abordar a fusão nuclear na natureza (processos) e as bombas feitas pelos homens: questões tecnológicas e éticas.

Abordagem IV

Visa desenvolver a abordagem dos seguintes temas:

➤ Consciência e identidade; Alienação e Consciência; Sujeito.

Subsídio Para o Educador:

Hobsbawm, Eric J. *A Origem da Revolução Industrial*. In: *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Editora Florense-Universitária. 1986.

Macciocchi, Maria-Antonieta. *A Favor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Caderno de Subsídios – Módulo 3)

Material utilizado:

Ficha 1 : Texto de Gramsci

Ficha 3 : *Mé*, de Luiz Fernando Veríssimo

Ficha 7 : *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell

Ficha 9 : *Admirável Mundo Novo*, de Audous Huxley

Desenvolvimento

A abordagem da **ficha 1** oferece a oportunidade de se fazer a crítica das demais fichas (sempre lembrando que aqui, criticar não é o mesmo que falar mal, mas sim depreender qual é a mensagem aparente e qual é a mensagem subliminar (disfarçada)).

Na **ficha 3** os que não detêm o capital são comparados a carneiros, na **ficha 7** a porcos e, na **ficha 9** a autômatos.

Independente das intenções de cada um dos autores das **fichas 3, 7 e 9**, através de fábulas ou ficção, os três retratam dominadores e dominados como intrinsecamente diferentes.

Na **ficha 1**, Gramsci, um dos autores que formam a base teórica do nosso Programa, nos mostra que não há qualquer diferença de natureza entre os homens, para Gramsci “todo homem, (...) é “filósofo”, artista”, percebamos que Gramsci não está dizendo que todo homem tem condições de se tornar, todo homem já é capaz de entender, criticar e transformar o mundo.

A diferença entre Gramsci e os outros três autores não é pequena, pois quando os trabalhadores são, metaforicamente, representados por animais ou máquinas, o que se sugere, propositadamente ou não, é que somos diferentes. Outros autores poderão ainda nos identificar como: os humildes, os pequeninos, os bons, os fracos, os justos e outros qualificativos, que se por um lado podem ou não ser pejorativos, por outro continuam dizendo que somos diferentes e, como nos lembra Gramsci, não somos diferentes, mas estamos diferentes.

As causas da desigualdade não são, portanto, naturais. A desigualdade foi humanamente construída e por isso pode ser humanamente superada.

Observar que no texto de Gramsci *filósofo* está entre aspas, denotando que o sentido que pretende dar ao termo não é aquele que se refere aos que estudam filosofia, mas sim filósofo em seu sentido primeiro: todo homem tem amor, amizade (*philo*) pela reflexão crítica sobre os fundamentos da realidade e de seu conhecimento (*sophia*).

A diferença entre ser e estar, em condições de desigualdade, não é apenas semântica, ao caracterizar a classe trabalhadora como sujeita a alguma debilidade, está-se dizendo que esta classe só pode superar suas limitações (históricas, não naturais) pela intervenção externa, o que acaba despolitizando a luta, na medida em que a política é, por definição, uma relação entre iguais. Nós

teríamos, segundo esse discurso da falta e da debilidade, primeiro que nos tornar-mos “iguais” para depois exigir a igualdade.

Com Gramsci vemos que as penúrias humanas não são as causas da desigualdade, mais sua conseqüência.

Executiva Nacional da CUT 2000/2003

João Antonio Felício: Presidente
Mônica Valente: Vice-Presidente
Carlos Alberto Grana: Secretário Geral
Remígio Todeschini: 1º Secretário
João Vaccari Neto: Tesoureiro
Kjeld A. Jacobsen: Secretário de Relações Internacionais
Gilda Almeida de Souza: Secretário de Política Sindical
Altemir Antônio Tortelli: Secretário de Formação
Sandra Rodrigues Cabral: Secretária de Comunicação
Pascoal Carneiro: Secretário de Políticas Sociais
Rafael Freire Neto: Secretário de Organização

Diretoria Executiva:

José Jairo Ferreira Cabral, Maria Ednalva Bezerra de Lima, Elisangela dos Santos Araújo, Luzia de Oliveira Fati, Riata de Cássia Evaristo, Lúcia Regina dos Santos Reis, Jorge Luís Martins, Lujan Maria Bacelar de Miranda, Temístocles Marcelos Neto, José Maria de Almeida, Júnia da Silva Gouvêa, Wagner Gomes, Gilson Luís Reis, Júlio Turra.

Suplentes:

José Gerônimo Brumatti, Francisco Alano, Aldanir Carlos dos Santos, Wanderley Antunes Bezerra, Rosane da Silva, Dirceu Travesso, Mônica Cristina da S. Custódio.

Secretaria Nacional de Formação

Secretário Nacional de Formação: Altemir Tortelli

Coordenação: Martinho da Conceição

Equipe Assesores: Archimedes F. Lazzeri, Dirceu Fumagalli, Egeu Gomez C. Furtado, Gilberto Barbosa da Silva, João Carlos Nogueira, João Marcelo Pereira dos Santos, Lenir de Fátima Viscovini, Maristela M. Bárbara, Marta Domingues, Paula Cristina Bernardo, Rosana Miyashiro Fahl, Sandra R. de Oliveira Garcia

Parcerias: Dieese

Participaram da elaboração desta publicação: Rosana Miyashiro Fahl, Maristela M. Bárbara, Sandra R. de Oliveira Garcia

Assessoria Externa: Luiz Percival Leme Britto – Professor do Programa de Mestrado, da Universidade de Sorocaba – UNISO, Maria Auxiliadora B. A Megid – Universidade de Campinas - Unicamp/SP, Yone de Carvalho – Professora do curso de Graduação e do Programa Pós-Graduação em História, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP

Apoios: Vera Lúcia de Oliveira

Confederações

Presidente

Eliane Cruz – CNTSS
Edson Luiz Bernardes – CONTICOM
Siderlei de Oliveira – CONTAC
Jaci Pinheiro da Silva – CNTV
Juarez Bispo Mateus – CNTT
Roselaine Pasquale – CONTRACS
Edilson de Paula Oliveira – CNQ
Manoel Messias Mello – FENADADOS
Luiz Antônio Souza e Silva – FITTEL
Severino Vasconcelos Aragão Filho – CNTSM
José Rui Ferreira – FASER
Lenildo Dias de Moraes – SINPAF
Luiz Gonzaga Ulhoa Tenório – FNU

Secretário (a) de Formação

Islany da Silva – CNTSS
Paulo Cesar Borba Peres – CONTICOM
Donizete Gelinski – CONTAC
Ademar Pereira da Silva – CNTV
Eduardo Pacheco – CNTT
Germano Quevedo – CONTRACS
Francisco José Souza Ribeiro – CNQ
Avel de Alencar – FENADADOS
Eliane Neves – FITTEL
Benjamim Ferreira de Souza – CNTSM
Thomas Edson Góes de Araújo – FASER
Jorge Cerbaro – SINPAF
Solange Maria de Freitas Bezerra – FNU

Coordenadores Executivos e Coordenadores Pedagógicos das Confederações